



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

APARECIDA ADLA DA COSTA SILVA

FILINHA MATA-BOI COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA FEMININA NEGRA EM
***MATA DOCE*, DE LUCIANY APARECIDA**

PATU - RN
2025

APARECIDA ADLA DA COSTA SILVA

**FILINHA MATA-BOI COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA FEMININA NEGRA EM
MATA DOCE, DE LUCIANY APARECIDA**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Patu - CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Laila Ribeiro Pinto

Linha de pesquisa: Literatura, memória e cultura

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586f Silva, Aparecida Adla da Costa
 Filinha mata-boi como símbolo de resistência feminina
 negra em Mata Doce, de Luciany Aparecida. / Aparecida
 Adla da Costa Silva. - Patu RN, 2025.
 20p.

Orientador(a): Profa. Dra. Francisca Laila Ribeiro Pinto.
Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Mata Doce. 2. Aquilombamento. 3. Resistência
feminina. I. Pinto, Francisca Laila Ribeiro. II. Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação de bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

APARECIDA ADLA DA COSTA SILVA

***FILINHA MATA-BOI COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA FEMININA NEGRA
EM MATA DOCE, DE LUCIANY APARECIDA***

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: 25_/11_/2025_.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente



FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO

Data: 03/12/2025 09:36:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente



ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

Data: 04/12/2025 11:01:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente



JOSE ROMERITO FRANÇA COSTA

Data: 03/12/2025 18:36:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof Me. José Romerito França Costa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio grande
do Norte - IFRN

FILINHA MATA-BOI COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA FEMININA NEGRA EM MATA DOCE, DE LUCIANY APARECIDA

Aparecida Adla da Costa Silva¹
Profa. Dra. Francisca Laila Ribeiro Pinto²

RESUMO

A pesquisa analisou a obra *Mata Doce* (2023), focando na trajetória de Maria Teresa e sua relação com o espaço quilombola rodeado por rosas brancas, considerando o assassinato sofrido por seu noivo, Zezito. Tempo e vida se unem em um eterno domingo, e a resistência da personagem negra habitando um território de disputas e violências. Através da observação do espaço, foi possível compreender a transgressão de Maria Teresa para Filinha Mata-Boi, evidenciando que para sobreviver aos donos de terras e das águas só protagonizando sua história. Para tanto, o aporte teórico utilizado foi Martins (2021) e Dimas (1987), no que se refere às questões da teoria do espaço; Evaristo (2010), no que se trata da voz da autora e da personagem com o espaço; e Nascimento (2021), acerca da relação do quilombismo e da historicidade da mulher negra no Brasil. O espaço *Mata Doce* influencia a transformação da personagem, que preserva e reinterpreta a memória ancestral da comunidade por meio da relação entre a vida das mulheres do casarão. Esta pesquisa teve o objetivo de entender a relação literária da preservação da cultura e personalidade de mulheres negras em seus espaços de existência.

Palavras-chaves: *Mata Doce*; Aquilombamento; Resistência Feminina; Transgressão de Filinha Mata-boi; Luciany Aparecida.

ABSTRACT

This research analyzed the novel *Mata Doce* (2023), focusing on the trajectory of Maria Teresa and her relationship with the quilombola space surrounded by white roses. The study considers the murder of her fiancé, Zezito. Time and life merge into an eternal sunday, and the resistance of a black woman who inhabits a territory of disputes and violence. Through the observation of space, it becomes possible to understand the transgression from Maria Teresa to Filinha Mata-Boi, in order to survive the land and water owners, one must become the protagonist of one's own story. The study draws on Martins (2021) and Dimas (1987) for spatial theory; Evaristo (2010) for reflections on the voice of the author and the character in relation to space; and Nascimento (2021) for discussions on quilombismo and the historicity of black women in Brazil. The *Mata Doce* setting influences the character's transformation, preserving and reinterpreting the ancestral memory of the community through the relationship between the lives of the women in the marriage. This research aimed to understand the literary relationship between the preservation of the culture and personality of Black women in their spaces of existence.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: aparecidaadla@alu.uern.br

² Orientadora Professora Doutora no Departamento de Letras Vernáculas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: franciscailaisa@uern.br

Keywords: *Mata Doce*; Aquilombament; Female Resistance; Transgression of Filinha Mata-Boi; Luciany Aparecida.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entre os séculos XX e XXI, a literatura brasileira passou a privilegiar narrativas centradas na resistência de grupos historicamente marginalizados, especialmente mulheres negras. Nesse contexto, cresce o número de obras que denunciam as violências herdadas do legado escravista e desconstróem estereótipos da mulher negra como figura submissa, propondo novas formas de existência por meio da linguagem e da memória.

O romance *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, insere-se nesse movimento ao narrar a história de Maria Teresa, jovem negra do sertão baiano que, após sofrer uma violência brutal às vésperas do casamento, torna-se a matadora de bois mais respeitada da região. O enredo se desenvolve no vilarejo de *Mata Doce*, em torno de um casarão de alpendres localizado sobre um lajedo, espaço que abriga, protege e acolhe símbolo de refúgio e liberdade. O casarão funciona como um aquilombamento, lugar de resistência e reconstrução identitária.

Historicamente, os quilombos foram comunidades formadas por negros fugidos das fazendas de cana-de-açúcar que adentraram o interior em busca de autonomia. Mais do que refúgios, esses espaços se constituíram como territórios de sociabilidade, espiritualidade e elaboração de identidades coletivas. Assim como o quilombo Icatu, fundado por volta de 1670, o povoado fictício de *Mata Doce* representa a continuidade desse processo histórico de aquilombamento entendido como prática de resistência contra a exploração e o racismo estrutural.

O conceito de quilombo ultrapassa a dimensão histórica da fuga e abrange a criação de espaços simbólicos de convivência, afeto e partilha de saberes. No romance, o território é visto não apenas como posse material, mas como extensão da vida comunitária e do pertencimento coletivo. Em *Mata Doce*, a terra é memória e sustento, vínculo espiritual e político.

A literatura negra feminina, nesse sentido, atua como caminho de reconstrução histórica e de elaboração estética da experiência de mulheres negras. Luciany Aparecida dialoga com essa tradição ao lado de autoras como Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves e Geni Guimarães, que reconfiguram a história nacional sob o ponto de vista das mulheres afrodescendentes. Essas autoras, em diálogo com perspectivas contracoloniais e quilombistas, propõem novas epistemologias a partir de corpos e territórios antes silenciados.

O sertão de *Mata Doce* é herdeiro das marcas coloniais expressas na figura de Amâncio, fazendeiro que representa o poder agrário e a herança escravocrata. O romance expõe o conflito entre essa estrutura patriarcal e o território do quilombo, espaço de resistência e autonomia feminina. Assim, o enredo revela o sertão não como cenário isolado, mas como território simbólico de lutas raciais, de memórias e de cura coletiva.

O aquilombamento, conforme Nascimento (2021), deve ser compreendido como prática contínua de preservação e transmissão de saberes. Nas culturas afro-indígenas, as mulheres exercem papel fundamental como guardiãs da memória, responsáveis pela oralidade e pela manutenção das tradições. Essas práticas formam o que a autora denomina “pedagogias da resistência”: espaços de aprendizado coletivo nos quais a ancestralidade é transmitida e recriada.

Em *Mata Doce* a força dessas pedagogias se manifesta na relação entre Maria Teresa e suas mães, Mariinha e Tuninha. As duas mulheres simbolizam o poder do cuidado comunitário, da solidariedade e da maternidade, ampliando valores que ultrapassam o vínculo biológico e reafirmam o pertencimento coletivo. Criada por duas mães negras, a protagonista traz a representatividade da maternidade – LGBTQIAPN+ e a resistência no sertão, em um ambiente onde a ancestralidade e a espiritualidade afro-diaspórica estruturam a narrativa.

A figura de Maria Teresa é, portanto, símbolo da continuidade de uma linhagem de mulheres que lutam contra o apagamento e a violência colonial. Sua trajetória evidencia a força feminina aquilombada, mulheres que, ao mesmo tempo, preservam a cultura, transmitem saberes e enfrentam as estruturas racistas e patriarcais. Como aponta Lélia Gonzalez (2018), o corpo feminino negro é lugar de enunciação política e epistemológica, em que o cuidado se torna ato de resistência e a espiritualidade, forma de sobrevivência.

A narrativa de Aparecida rompe com a linearidade do romance tradicional, incorporando a oralidade, o mito e o tempo circular característicos das cosmovisões afro-brasileiras. Essa estrutura rompe com o modelo eurocêntrico do “romance de formação” e propõe outra lógica narrativa, uma escrita de ré-encantamento e reconstrução, que privilegia a memória coletiva e a experiência comunitária.

O quilombo, nesse contexto, não é apenas espaço geográfico, mas também estético e simbólico: um lugar de elaboração de subjetividades e de reinvenção do mundo. A partir da memória e da dor, Luciany Aparecida transforma a literatura em um território de cura e emancipação, em que as mulheres negras são protagonistas de sua própria história.

A autora insere-se, assim, na tradição da literatura negra feminina contemporânea que vem reescrevendo o imaginário nordestino. Conforme destaca Edma de Góis (2024), escritoras como Luciany Aparecida, Socorro Acioli, Maria Valéria Rezende e Calila das Mercês consolidam uma nova fase da narrativa nordestina, que une estética e política, ancestralidade e modernidade. Obras como *Outros cantos* (Rezende), *A cabeça de Santo* (Acioli) e *Planta oração* (Mercês) dialogam com *Mata Doce* ao retratar o Nordeste como espaço de múltiplas vozes, marcado pela dor e pela potência da resistência feminina.

Partindo da obra de Luciany Aparecida, a pesquisa propõe duas hipóteses: (1) o território quilombola permite a continuidade de gerações e a transmutação das experiências de dor em memória e força, expressas na trajetória da protagonista; e o aquilombamento de *Mata Doce* constitui espaço de fortalecimento social e sobrevivência de mulheres negras ao longo do tempo (2).

Metodologicamente, o estudo se fundamenta em abordagem qualitativa e bibliográfica, tendo *Mata Doce* como *corpus* principal. A análise articula a narratologia do espaço à teoria do quilombo como lugar de resistência, memória e pertencimento. A primeira parte do estudo aborda o espaço e o quilombo na literatura negra contemporânea; a segunda, a trajetória de Maria Teresa enquanto Filinha Mata-boi, como expressão da força coletiva das mulheres negras do sertão.

A trajetória da protagonista confirma a literatura como instrumento de resistência e reconfiguração simbólica. *Mata Doce* recria o quilombo como espaço de cura, reconstrução e continuidade, onde a memória e a ancestralidade se entrelaçam à vida cotidiana. Ao reinscrever mulheres negras no centro da narrativa, Luciany Aparecida transforma o romance em território de força, dignidade e emancipação reafirmando o poder da literatura como prática política e estética de resistência.

2 MATA DOCE: O QUILOMBO COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E RESISTÊNCIA NEGRA

O romance *Mata Doce*, de Luciany Aparecida, apresenta o quilombo como dimensão fundamental da constituição subjetiva da personagem Maria Teresa. Na cena que ela ganha o balaio de rosas brancas, a fala de sua mãe aparenta um retorno, um viés de pertencimento: “É rosa branca, viu, igualzinho como o da tua bisavó Eustáquia da Vazante disse Mariinha entregando o cesto à filha” (Aparecida, 2023, p. 22).

Por meio de gestos, rezas e histórias, a bisavó Eustáquia mostra que o conhecimento das mais velhas é o alicerce da sobrevivência e da liberdade. Mariinha aprende com sua avó e orienta sua filha a compreender o passado para sustentar o presente e projetar o futuro. As mulheres que nele vivem, negras, mães solteiras, prostitutas, lésbicas formam uma coletividade que compartilha saberes, tradições e formas de cuidado. No romance:

Eustáquia da Vazante, avó de Mariinha, chegou primeiro aquele lugar por intermédio de gente que trabalhava no movimento de acolher o caminho de quem escapava para liberdade. Ali guardada com um machado, arma de sua proteção, ela tomou prumo e fez do casarão sede de amparo (Aparecida, 2023 p. 22).

As vivências de Maria Tereza forjam a sua personalidade com base no afeto e na força de suas mães. A rosa branca presente no quintal de sua casa sempre remeteu a sua bisavó Eustáquia, sendo um símbolo que alimentava sua fé antes de fugir em busca de liberdade e chegar até o lajedo, história contada e recontada pela idosa a sua filha Mariinha, e agora transmitida a Maria Teresa como alegoria deste amor e da missão de acolher quem escapava da morte. No trecho:

O casarão da professora Mariinha era conhecido em *Mata Doce*. Era casa de peitoril de madeira, coberta por telha vermelha e batente alto na porta, janelas ao redor de toda casa, que era cercada por um largo terreno, nas laterais e ao fundo. Ali, no casarão do lajedo, moravam as três mulheres da vazante, Mariinha, Tuninha e Maria Teresa (Aparecida, 2023, p. 22).

O casarão é na verdade um lugar de herança simbólica e comumente a casa é um espaço associado à mulher, que deve ser a “dona da casa”, responsável pelos afazeres domésticos. No entanto, este espaço no qual o tempo do passado se mistura ao presente, revelando o peso das histórias guardadas nas paredes e no entorno: “No casarão antigo, cheio de histórias de seus antepassados, de frente para um lajedo de pedra. Pelo peitoril, corre um roseiral, apenas com rosas brancas e, no caminho diante da casa passam personagens memoráveis” neste ato já no presente Filinha lembra das vozes de suas mães e das suas vivências naquele lugar (Aparecida, 2023, orelha). O casarão não é apenas estrutura física, mas lugar de construção coletiva, em que o

cotidiano, as tradições e os rituais religiosos se entrelaçam com a vida das mulheres negras que ali habitam.

O espaço do casarão em *Mata Doce* é mais do que um cenário: torna-se território de resistência e de guarda da memória daqueles que não sobreviveram por estarem sozinhos e fora do quilombo. Nele, Maria Teresa compartilha com suas mães, Mariinha (professora) e Tuninha (travesti e bordadeira), uma história de herança matrilinear marcada pela tradição de sobrevivência e também de violências físicas e culturais.

No romance, o casarão de *Mata Doce* transcende sua função de moradia, consolidando-se como um santuário de resistência feminina negra e um repositório cultural. Dentro desse espaço, as atividades cotidianas, como o trabalho com o barro, a prática da cura e o compartilhamento de aforismos e histórias orais são transformadas em atos de profunda preservação cultural. Essas práticas, enraizadas na ancestralidade e na espiritualidade afro-brasileira, não apenas mantêm viva a memória de um povo, mas também sustentam laços afetivos não-convencionais, garantindo a resiliência e a identidades das mulheres contra a violência e a opressão externas, fazendo do domínio doméstico um ato político e uma afirmação de vida.

Nesse casarão tomado por rosas brancas vive ainda a jovem Lai, que reaparece com Maria Teresa em seu ventre, vítima de violência sexual, engravidou e queria se livrar da criança, no entanto, era conhecida de Tuninha que a chamava de comadre. Foi ela que teve a ideia de adotar a criança de Lai e deu-lhe o nome de Maria Teresa da Vazante. Para isso contou com ajuda de Luzia, conhecida como Juíza, filha do Sales, que ajudava a todos de *Mata Doce* quando iam ao vilarejo de Santa Stella. Luzia tinha um filho da mesma idade por nome de Zezito, que vai possibilitar a formação de outras lembranças para as mulheres com fé no roseiral, pois resolve se casar com a Maria Teresa, o que traz alguma alegria, além da luta de permanecer nas terras. No romance: “Maria Teresa e Zezito, então, se arranjaram e dois anos depois, quando decidiram se casar, a ramagem do roseiral já enchia a frente da casa de cachos de flores e aroma doce” (Aparecida, 2023, p. 26).

Na abertura do romance é narrado um tempo de muita festa. A narradora descreve Mané da Gaita tocando na frente da casa e ao seu lado a cadelinha Chula, enquanto as mulheres preparam o vestido de Maria Teresa. Lai chega para assistir a última prova do vestido que ela mesma costurou e bordou, fez questão de ajudar a decorar o bolo de três andares. O casamento marcado para o dia seguinte, domingo, gerava grande emoção a todos e principalmente a Mariinha que com mais de oitenta anos já sentia o peso do cansaço e se confortava em não deixar sua filha desamparada e só. A festa era grande, com suspiros, muitos biscoitos de goma, bolo de três andares, até o boteco de Jó Praiá estava abastecido de pinga para a festança.

Percebe-se que o casarão, o lajedo e o roseiral funcionam como testemunho da ancestralidade, constituindo uma estrutura que contém memória, afetos e expectativas amorosas, isso porque “nenhuma das mulheres de *Mata Doce* havia se casado de papel passado. Nem mesmo Angelica que veio da cidade” (Aparecida, 2023, p. 44). Ali, vestida de noiva, Maria Teresa sentia-se feliz e esperançosa, logo se via casada, com documentos, com seu lugar e espaço provando que mulheres pretas também merecem ser felizes.

No domingo, tudo já estava pronto, a noiva vestida de branco e com véu sobre a cabeça quase ouvia a voz do seu amado ao pé do ouvido dizendo “Nega, como tu é bonita” (Aparecida, 2023, p. 43). A felicidade estava de mudança para *Mata Doce*, o filho da juíza casando com a filha da professora, no entanto, em um ato de ganância e ciúme, a maldade do homem lhes fora o único impedimento, isso porque Gerônimo,

motivado por disputa de terras, ceifou a vida de Zezito quando este chegava para o casamento no carro de Thadeu. No abafado dos tiros, em volta da poeira da mata, fugiu em seu carro branco deixando dor e sofrimento, além de uma nuvem de poeira que mais parecia uma ave maléfica.

Após a morte violenta de Zezito, assassinato que interrompe o casamento prestes a acontecer, Maria Teresa vestida de noiva, com o corpo do amado ainda quente em seus braços decide cortar todas as flores do jardim, num gesto de ruptura com o passado e com a promessa de um futuro sonhado. O ato simboliza a destruição do ideal romântico e inaugura a transformação da personagem em Filinha Mata-boi, mulher que canaliza a dor em resistência.

O espaço, antes cenário de amor e esperança, torna-se palco da perda e catalisador de reconstrução identitária. Nesse gesto, Maria Teresa deixa de apenas habitar o espaço e passa a agir sobre ele, ressignificando o casarão e o vilarejo de *Mata Doce* como território de memória e sobrevivência: “Maria Teresa decide cortar todas as flores após uma tragédia que vai mudar sua vida para sempre, na véspera de seu casamento” (Aparecida, 2023, p. 19). Esse momento sintetiza o início da resistência feminina no romance ao destruir o jardim símbolo de dor e raiva, a personagem rompe com o destino imposto e afirma um novo modo de existir, insurgente e autônomo, em um sertão marcado por vida e resistência.

Luciany Aparecida vai costurando a história de Maria Teresa com a dor da morte de seu noivo Zezito, perceptível na mudança narrativa de terceira para primeira pessoa. A memória do lugar é marcada por um cotidiano afeito de tradições. A alimentação, os rituais religiosos e a oralidade revelam-se como práticas culturais que sustentam a coletividade, enquanto o curso de datilografia, que Maria Tereza se formou, representa uma possibilidade de escrita da própria história, inscrevendo no corpo o desejo de transformar-se e afirmar sua existência. Esse gesto de escrever, atravessado pelas dores e mortes que cercam sua trajetória, ressignifica seus sonhos, situando-os entre a perda e a continuidade da vida.

Segundo Nascimento (2021, p. 130), o “quilombo pode ser um lugar onde as pessoas possam viver mais livremente”. O espaço-aquilombamento do casarão também se configura como lugar, amparo e luto, mesmo em meio à violência estrutural, uma vez que o romance denuncia as diversas formas de violência sofridas pelas mulheres da comunidade: física, sexual, simbólica e econômica. As personagens são alvo da brutalidade dos fazendeiros e da exclusão social, mas também resistem, transformando o corpo e a memória em instrumentos de afirmação. Nele floresce o roseiral: “Filinha Mata-boi e o roseiral eram sinais daquele lugar, eram registros dos caminhos da Velha Eustáquia, eram provas da coragem daquelas mulheres” (Aparecida, 2023 p. 27).

Símbolo de delicadeza que contrasta com as marcas de dor, apontando para a capacidade das mulheres de reinventar a vida e perpetuar saberes em meio às adversidades. Trata-se de um espaço matriarcal, habitado por mulheres negras, lésbicas, prostitutas e mães solteiras, cuja convivência reafirma a pluralidade das experiências femininas e a força coletiva. Nesse território, as práticas de cuidado, os saberes transmitidos e a presença ancestral constituem o que Martins (2021) denomina de tempo espiralar, pois atualizam no presente as memórias e resistências do passado. O tempo do romance se constrói de forma não linear, guiado pelo fluxo da memória da personagem Filinha Mata-boi.

A narrativa se desdobra num constante vai e vem entre passado e presente, em que lembranças, silêncios e marcas ancestrais se entrelaçam para reconstruir a história da protagonista e de sua comunidade. O tempo, assim, não é cronológico,

mas afetivo e simbólico. Cada lembrança surge como um ato de resistência e sobrevivência, revelando o entrelaçamento da dor e da força das personagens negras. Essa estrutura temporal fragmentada reflete o modo como a memória coletiva e individual se misturam, fazendo do lembrar um gesto político e poético de afirmação da identidade. As características do lugar transitam do físico ao emocional como no trecho:

Mata Doce tinha o rio Airá de água fresca e corrente lá pra depois do lajedo, depois da região da mata, vegetação que dava nome a comunidade. Aquele pedaço de mata atlântica era um lugar de chamar atenção, que muitos desejavam, mas que nem todos dominavam os entendimentos de entrar e sair (Aparecida, 2023 p. 35).

O espaço de *Mata Doce* não é apenas geográfico, mas também político: um lugar de produção de vida e de continuidade da ancestralidade feminina. A estrutura do casarão ultrapassa sua materialidade física e se apresenta como um lugar de preservação da memória afro-brasileira. A crença ritualística da bisavó Eustáquia, em sua ligação enérgica e filosófica com as rosas brancas, a chegada dos Sales e sua boa relação com os que ali estavam, o respeito de Mané da Gaita com as mulheres, o acolhimento de Lai, jovem explorada sexualmente desde a infância, são fatos que possuem relação afetiva comum com o lugar.

O casarão, ao abrigar mulheres em diferentes situações de vulnerabilidade, transforma-se em território de reinscrição de histórias apagadas, funcionando como um aquilombamento e lugar de transmissão de saberes. Nele, Maria Teresa busca não apenas viver, mas, sobretudo, lutar pelas violências históricas herdadas dos resquícios coloniais. A figura do casarão, nesse sentido, é metáfora de um lugar simbólico, onde as marcas do passado se entrelaçam com a possibilidade de criar novos caminhos de existência e afirmação identitária.

Assim, essa estrutura física é uma referência de dor e conquista para as mulheres negras que viviam em *Mata Doce*. Esse espaço-tempo espiralar é uma continuidade de vida diante das destruições e violências de gênero. Ao lembrar de Josefa, a mãe dos gêmeos Thadeu e Angélica que fugiu com os filhos de um marido agressor, encontra a Juíza dos Sales que lhes oferece ajuda e um lugar para viver em *Mata Doce*: “... Ao reconhecer Josefa a juíza lhe estendeu a mão para que a mulher se erguesse e pegou uma das malas...” (Aparecida, 2023, p. 27). A juíza os levou para *Mata Doce* para abrigá-los, mãe e filhos passaram ali a viver um pouco da luta pelo direito das mulheres, como antes havia sido acolhido por dona Eustáquia a família da mesma Juíza.

Cabe ressaltar que o espaço narrativo de *Mata Doce* é constituído a partir dos papéis desempenhados por suas personagens femininas, que materializam diferentes formas de resistência e de pertencimento comunitário. Mariinha, a professora, simboliza a educação como prática libertadora ao instruir as crianças de toda a comunidade; Tuninha, mulher trans, acolhedora e bordadeira, representa o gesto materno e o cuidado, sendo também mãe de Teresa; e Lai, jovem submetida à crueldade humana, aprende, por meio da maternidade, a reconstruir o afeto e o amor.

Maria Teresa, por sua vez, encarna a possibilidade de sonhar das mulheres negras: desejava trabalhar ao lado de seu companheiro Zezito, produzir bolos e doces para serem vendidos na feira de Santa Stella, exercer a profissão de datilógrafa, formar sua própria família e perpetuar o legado de sua bisavó e de suas mães.

Percebe-se, portanto, a singularidade de cada uma dessas mulheres, atravessadas pela dor do preconceito e pela violência da misoginia. Todavia, é justamente por meio

dessas experiências que Maria Teresa e as demais personagens reafirmam a potência da vida comunitária e a força das tradições afrodescendentes como instrumentos de sobrevivência, resistência e continuidade cultural.

É com a narradora idosa, com seus noventa e dois anos, que ao decidir contar as vidas que a atravessaram, assume sua própria identidade afro-brasileira. Esse gesto narrativo conecta-se não apenas como memória do passado, mas como projeto de futuro, orientado pela preservação da história, pela educação antirracista e pela afirmação das identidades negras. No romance, a educação de Tereza simboliza um quilombo em festa. O curso de datilografia proporciona contar e produzir histórias não narradas por serem vistas como sem importância para a sociedade. Foi ainda Zezito que cuidou para a amada ter uma máquina de datilografia, ele mesmo foi procurar em Santa Stella ciente que sua então noiva amasse o presente.

Ao aprender a escrever, Maria Teresa projeta um corpo e uma voz capazes de intervir na história, ecoando o que Nascimento (2021) defende como fortalecimento da participação cultural e política da população afrodescendente. O romance encarna, no plano estético e simbólico, Nascimento apontava no plano político: a construção de um futuro negro pautado pela ancestralidade, pela coletividade e pela ressignificação das dores. Essa compreensão pode ser aprofundada a partir da reflexão de Martins (2021) que propõe a noção de tempo espiralar como categoria crítica para interpretar a memória e a performance nas culturas afro-diaspóricas:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro (Martins, 2021, p. 42).

Para Martins (2021) é possível compreender o tempo como espiralar, marcado por movimentos de não linearidade e não continuidade. A fabulação da narradora, que transita entre passado e presente por meio de recortes individuais, inscreve-se em uma experiência coletiva, evocando a memória de várias mulheres negras aquilombadas.

O tempo narrado não pertence apenas à protagonista, mas à ancestralidade que a constitui e à comunidade que resiste. Esse movimento de fabulação revela-se no corpo-palavra da narradora, pois é pela experiência vivida e transmitida que se constrói uma história marcada pela circularidade, guardando e atualizando a memória afrodescendente em um presente que se abre para o futuro. No espaço do casarão, o roseiral branco, o lajedo, o vilarejo de *Mata Doce* constroem-se como agentes de memória, local de afeto, objeto de dor, e palco de revelações:

Naquele tempo o roseiral estava todinho enramado entrando pela frente da casa [...] lá dentro as mulheres ajeitavam o vestido da noiva. Era a última prova, o casamento acontecia no dia seguinte, no domingo. Tuninha chorava, da hora que Lai chegou com a roupa até aquele momento, de ver a filha vestida nos trajes do casamento (Aparecida, 2023, p. 28).

Essa estrutura favorece uma leitura em que espaço, personagem e memória são inseparáveis: o lugar molda os sujeitos, e estes carregam em seus corpos as lembranças; o amor é vivido nesse entrelaçamento. De acordo com Dimas (1987, p. 20-25), o espaço figura como ambiente quando se refere a atmosfera, todavia, deve o leitor ter o mínimo de perspicácia para perceber o quase que fundido com os

personagens de forma atemporal quando as características desse se moldam aos acontecimentos.

A casa reúne registros de vidas, de afeto e de segredos, enquanto o roseiral, com suas rosas brancas, representa pureza e beleza, mas também reforça o reflorescer, uma vez que será transformado pela tragédia. É por meio das mulheres que habitam esse espaço que se compreende a importância do estudo, da formação e da transmissão de saberes ao longo do tempo, expressa no registro das palavras de Maria Teresa já idosa. Foram essas mulheres que dedicaram esforços para garantir que Maria Teresa pudesse viver de outras formas, afirmar-se enquanto sujeito e preservar os valores, tradições e memórias da coletividade negra, configurando o casarão e o roseiral como território de resistência e cuidado intergeracional.

O espaço funciona também como arquivo de saberes perdidos, rotas de memória invisibilizadas e que os nomes desempenham papel central na preservação ou apagamento de ancestralidades, essa noção de arquivo pode ser percebida em *Mata Doce*, sobretudo no ato de Maria Teresa viver e escrever a própria vida, registrando memórias e experiências familiares. A carta de Mané da gaita é um exemplo disso. Fragmentado pela voz masculina atravessa o tecido da narrativa feminina, carregada de ausência, desejo e contradição, revela não apenas um homem que parte, mas alguém que tenta se inscrever na memória de quem ficou.

Pode-se dizer que ela é mais do que um documento: é um eco de um amor que não se cumpriu, um traço de afeto que resiste ao esquecimento. É um vestígio de voz masculina num mundo de vozes femininas que aprenderam a sobreviver mesmo quando o amor não voltou. O espaço do casarão, o lajedo e o roseiral, nesse contexto, atuam como território de preservação e transmissão de saberes, onde os registros de vidas, afetos e segredos se tornam arquivos vivos, reverberando o poder simbólico dos nomes, como observaremos com Filinha Mata-Boi, que carrega consigo histórias de poder, opressão e resistência.

A construção dos personagens revela não apenas suas ações, mas também identidades implícitas. Genette (1980) distingue focalização interna e externalizada, e em *Mata Doce* observa-se tal alternância: há momentos em que o mundo é percebido pelos olhos de Maria Teresa suas dores, memórias e esperanças e momentos em que o narrador externo descreve o casarão, o roseiral, o lajedo e os personagens secundários, estabelecendo tensão entre voz interna e observação externa, entre o subjetivo e o social. Desde a chegada de Dona Eustáquia até a velhice de Filinha Mata-Boi o espaço está como um personagem do enredo modificando a visibilidade do leitor para cada sentimento, seja para o amor de Maria Teresa e seu noivo, para a força de Mariinha em superar o abandono de seu pai sem permitir que sua falta mude sua relação e dedicação a sua filha.

Ainda segundo Dimas (1987) o espaço literário funciona como elemento de significação, podendo revelar tanto pulsões de vida quanto marcas de dor e morte. Em *Mata Doce*, o espaço do sertão é vivido de forma apaixonada por Maria Teresa. Em que abriga sonhos de construir uma vida com Zezito e suas mães, consolidando o laço afetivo com o território antes das tragédias que transformam a narrativa. O olhar da protagonista estabelece a geografia afetiva do lugar, revelando como a vida se desenrola entre morte e renascimento, memória e esperança, imprimindo ao espaço uma dimensão de resistência e sensibilidade.

O espaço vivido não é neutro: o lar, os jardins e os interiores da casa guardam sonhos, silêncios e memória. Genette (1980) oferece noções de ordem narrativa e tempo, destacando anacronias, *flashbacks* e memórias reativadas, técnicas que Aparecida utiliza para mostrar que o presente de Maria Teresa é inseparável dos ecos

do passado seja no nome que ela adota, seja no vestido de noiva, seja no corte das flores ou no silêncio das paredes do casarão. A narrativa interliga, dessa forma, espaço, memória e identidade, evidenciando que o espaço do casarão-aquilombamento é ao mesmo tempo físico e simbólico, palco de resistência e transmissão de saberes. A vida dela se inscreve nesse espaço, atravessada pelas práticas transmitidas por suas mães, pela professora Mariinha e pela travesti Tuninha, que garantem o acesso ao estudo, ao cuidado comunitário e à manutenção das tradições.

A morte de Zezito culmina na transgressão de Maria Teresa, que se apropria da narrativa e da escrita, para a figura de Filinha Mata-Boi, mostrando como os saberes ancestrais conectam as mulheres frente às violências herdadas do colonialismo de Amâncio. As mortes que permeiam a narrativa marcam o corpo e a história, enquanto a mudança da voz narrativa da terceira para a primeira pessoa evidencia a apropriação do próprio registro e a continuidade da memória coletiva, reafirmando a potência das mulheres negras em manter vivos os legados culturais e afetivos.

O espaço, em *Mata Doce*, adquire densidade simbólica. Dimas (1987) entende o espaço no romance como dimensão articuladora da ação e do tempo, revelando o “cenário como corpo vivo da narrativa”. O quilombo compõe um território de memórias, onde o passado ecoa no presente e as ausências se materializam em objetos e silêncios. A presença de Maria Teresa nesses lugares caminhando devagar, tocando as paredes, observando o horizonte manifesta o diálogo entre corpo e território. O quilombo é o abrigo e o espelho de sua interioridade: lugar de dor, mas também de renascimento. A morte das mães, Mariinha e Tuninha intensifica essa percepção. Sem as figuras maternas, Teresa enfrenta o desafio de sustentar a casa e, sobretudo, a si mesma. A morte das mães simboliza o rompimento de uma linha de proteção, mas também a necessidade de fazer florescer novas formas de cuidado. O espaço físico e espiritual do quilombo torna-se o depositário das vozes que continuam a orientá-la.

3 A TRANSGRESSÃO DE FILINHA MATA-BOI: PODER E LUTA

O amor é o mais puro e motivador sentimento para existir, amando se constrói sonhos e consegue resistir às mais duras realidades, mas como poderia uma jovem mulher e cheia de sonhos se manter intacta diante da brutalidade humana? Com um desastre, o amor já não estava mais ali, em seu lugar a dor, a perda e a raiva, dali em diante, a jovem delicada, vestida de noiva, se desconstruía, destruía-se:

Depois, voltou para perto do corpo de Zezito e por uma pausa que pareceu uma vida todinha ninguém teve coragem de mexer naquela ferida. Maria Teresa de pé, ao lado do corpo do amor assassinado, de vestido de noiva mapeado em sangue, arribava uma faca de corte agigantada contra o tempo (Aparecida, 2023, p. 60).

A jovem ferida, agora, empunha o instrumento que para ela era a única possibilidade de defesa, desse momento em diante quase não se vê mais traços da moça, a dor fez nascer outra mulher, bem mais dura e magoada. A cena final do capítulo *Rosas Brancas* (p. 47), em *Mata Doce*, marca um ponto decisivo na tessitura narrativa: a morte de Zezito, o boi, e, simbolicamente, a morte do amor e do sonho de Maria Teresa. O animal, descrito no romance com sensibilidade e solenidade, representa mais do que um simples elemento do cotidiano rural; ele condensa uma

rede de afetos e significados que atravessam o romance. Sua queda e o derramamento de sangue sobre a terra ressoam como o fim de um ciclo e o início de outro, anunciando o luto e a solidão que moldarão a trajetória da protagonista. O casarão antigo, o lajedo de pedra e o roseiral de rosas brancas elementos que compõem o espaço da narrativa tornam-se, nesse instante, testemunhas silenciosas de uma perda que ultrapassa o plano individual e se inscreve na coletividade da memória quilombola.

Após a morte de Zezito, Maria Teresa passa a habitar um tempo e um espaço marcados pela ausência. Sua transformação revela a força silenciosa das mulheres negras diante do desamparo. O casamento, antes sonhado como promessa de futuro, converte-se em memória ferida, e a personagem mergulha em uma solidão que não é apenas emocional, mas histórica. Como observa Evaristo (2010), a escrita e a existência da mulher negra se erguem da “escrivência”, o ato de narrar-se para resistir e reconstruir-se. Teresa passa a existir entre os rastros do que sobrou: o casarão, as vozes das mães, o roseiral que insiste em florescer mesmo entre espinhos. Sua rotina de trabalho se transforma em ritual, uma tentativa de manter viva a presença das que vieram antes. Ao lavar, cozinhar e cuidar da casa, ela reinscreve no corpo a experiência ancestral do cuidado, convertendo o labor em ato de permanência e luta.

Essa permanência é também política. Em diálogo com Gonzalez (2018), percebe-se que Maria Teresa, enquanto Filinha Mata-Boi, encarna o princípio da mulher quilombola: aquela que constrói a liberdade na resistência cotidiana, que refaz o mundo a partir do cansaço, que transforma a casa em território de luta. Gonzalez afirma que o quilombo é uma metáfora viva da resistência cultural negra, e nele a mulher ocupa papel fundamental na preservação dos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Logo após a morte de seu noivo, Filinha se apresenta como uma mulher forte e corajosa capaz de enfrentar tudo e todos: “Maria Teresa aprendeu a calar. O silêncio era agora sua casa. No pátio, entre as pedras, ela ergueu força onde antes havia amor” (Aparecida, 2023, p. 58). Esse momento marca o início da reconstrução subjetiva da personagem após a perda de Zezito. O silêncio, longe de representar passividade, converte-se em linguagem da resistência, o corpo enlutado dá lugar ao corpo que trabalha e luta, a dor íntima se converte em gesto político. O romance desloca a narrativa tradicional de luto feminino para uma perspectiva afro-quilombista, na qual o sofrimento é também meio de reexistência e continuidade ancestral.

Filinha Mata-boi, mesmo isolada, não se rende; ela se reinventa. A dor do luto é transmutada em força criadora. Sua escrita ou o gesto de guardar palavras, lembranças e orações é o modo de inscrever-se no tempo e de manter vivo o legado das suas mães. A escrita surge como espaço de cura e continuidade “o lugar onde se guardam as vozes do povo” (Evaristo, 2010, p. 24).

A morte das mães e do noivo, portanto, não encerram a trajetória da personagem, mas a projetam em outro tipo de existência. Nascimento (2021) compreende o aquilombamento como ideologia de libertação e continuidade histórica do povo negro um modo de organização social, política e simbólica que sobrevive à opressão. Teresa, ao ocupar o espaço do casarão e manter viva a memória das suas mães: “fez como aprendera com as mães: varreu o chão, coou o café, lavou o corpo com folhas e rezas. No trabalho, lembrava o que era ser mulher antes da dor” (Aparecida, 2023, p. 72). Ela transforma o luto em linguagem, o silêncio em canto, o espaço em abrigo de ancestralidade. O roseiral, antes branco, torna-se metáfora dessa travessia: flor que brota sobre a dor, memória que insiste em florescer.

Maria Teresa não apenas habita o casarão, ela o reinscreve através de suas cartas mesmo sendo Filinha Mata-boi: “Filinha ainda escrevia cartas. Mesmo sem destino, escrevia. Dizia que era pra o coração não esquecer o caminho das palavras” (Aparecida, 2023, p. 96). Esse fragmento revela a dimensão simbólica da escrita na trajetória de Maria Teresa/Filinha. As cartas, antes destinadas a Zezito, tornam-se agora instrumentos de memória e sobrevivência interior. Mesmo sem remetente, o ato de escrever mantém viva a presença do outro e reafirma a subjetividade da personagem em meio à solidão. Filinha escreve “sem destino”, gesto que representa tanto a perda quanto a persistência. A escrita proporcionada pelo curso de datilografia se converte em rito de permanência, em forma de elaborar o luto e reinscrever-se no mundo. Cada carta é uma tentativa de reconectar-se com o amor perdido, com a ancestralidade e com a própria voz.

Ao continuar a escrever, Filinha rompe o silêncio imposto pela dor e pelo patriarcado: sua palavra, antes doméstica e íntima, torna-se ato político e poético, expressão de resistência frente ao esquecimento. A escrita feminina em *Mata Doce* assume a função de memória viva, um arquivo afetivo que liga o passado de Maria Teresa à sua existência como Filinha, mulher que transforma ausência em linguagem.

Cada parede, cada pedaço de chão, cada lembrança contada pelas vozes ancestrais transformam o espaço em território de resistência. Como ensina Dimas (1987) o espaço romanesco é um “organismo em movimento”, e em *Mata Doce* esse organismo pulsa com a energia da ancestralidade e da luta. O texto de Aparecida (2023) dialoga, portanto, com uma tradição de pensamento e escrita quilombola que se estende de Beatriz Nascimento, a Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, reafirmando que a literatura negra brasileira é, antes de tudo, uma forma de continuidade da vida.

Em síntese, a morte de Zezito e das mães não significam fim, mas passagem, uma travessia simbólica que reconduz Filinha à sua própria ancestralidade. A solidão, o trabalho e a escrita tornam-se instrumentos de sobrevivência e afirmação. A protagonista aprende a transformar a dor em poder, o cotidiano em resistência e o silêncio em palavra. Como no trecho:

E na beleza de um redemoinho, Maria Tereza foi até o coronel e apertou sua goela como se tentasse quebrar o pescoço de uma galinha no abate. Ninguém fez nada aquele momento era só admiração. Prenda Maria de Sá Gonçalo Amâncio, vendo que o marido sufocava, começou a puxar a menina (Aparecida, 2023, p. 96).

Apesar do autoritarismo do coronel, Filinha não se dobra: “O coronel passou a mandar em tudo, mas Filinha olhava firme. Dizia que quem planta o chão é quem tem direito ao sol” (Aparecida, 2023, p. 110). A mulher que foi silenciada pelo trauma passa a desafiar a ordem colonial que estrutura o sertão. A resistência dela diante do coronel mostra que a dor privada (do amor perdido) se transforma em poder coletivo, em defesa da terra, do trabalho e das mulheres que a cercam.

Após o luto, o trabalho cotidiano se torna prática de resistência e continuidade ancestral: “fez o que sabia fazer: plantou, limpou o terreiro, criou galinha. Cada gesto era luta, cada amanhecer uma reza” (Aparecida, 2023, p. 73). Trabalhar é sobreviver, mas também manter viva a memória das mães as mulheres que lhe ensinaram a fazer e resistir. Esse cotidiano é resistência silenciosa, feminista e afro centrada.

Martins (2021) propõe uma reflexão sobre a temporalidade não linear nas culturas afro-diaspóricas. Ela descreve o tempo como um movimento espiralado, onde passado, presente e futuro se entrelaçam, refletindo nas práticas culturais e

performáticas. Vê-se essa perspectiva no trecho: “aqui, temporalidades são gestos, estéticos e políticos, do corpo-tela, da voz, da palavra, da memória ritual, do tempo que encena passado, presente e futuro”. Destaca como as práticas culturais afro-diaspóricas, como a dança, o canto e a oralidade, não apenas representam, mas também constroem o tempo, desafiando a linearidade e propondo uma temporalidade circular e contínua.

No romance, a cena em que a narradora descreve o desaparecimento do animal símbolo do noivo e de uma promessa de futuro se desloca do campo da expectativa para o da sobrevivência. Teresa se vê diante de um vazio duplo: a ausência do homem que representava o amor e a desintegração simbólica da estrutura que sustentava o seu cotidiano afetivo. A partir desse acontecimento, a narrativa assume um ritmo mais introspectivo, em que o silêncio da personagem passa a ocupar o centro da sua vida “olho para trás e vejo a menina que fui. Filinha Mata- boi, viva e raivosa, correndo pelo casarão. Agora sou eu quem conta, e as pedras e as flores lembram tudo” (Aparecida, 2023, p. 182).

O espaço, antes partilhado, torna-se uma extensão da personagem. O casarão antigo, o lajedo de pedra e o roseiral transformam-se em espelhos de sua interioridade. A presença de Teresa nos lugares é marcada pela repetição de tarefas que, embora simples, adquirem valor simbólico. Ela varre o quintal, recolhe folhas secas, acende o fogo, gestos de quem tenta reorganizar o caos e manter viva a casa. O trabalho doméstico é, portanto, um modo de resistência: “fez como aprendera com as mães: coou o café com mãos firmes, sentindo o cheiro que lembrava as manhãs felizes do passado” (Aparecida, 2023, p. 73). Manteve vivas tradições e costumes.

Mesmo sentimento visto no trecho: “varria o terreiro lentamente, cada gesto carregado de lembranças, como se as pedras guardassem histórias que só ela podia ouvir” (Aparecida, 2023, p. 74). Sua ligação com a ancestralidade traz uma força que a mantém de pé: “lavou o corpo com folhas e rezas, lembrando o que aprendera com Tuninha e Mariinha, e sentiu a força daquelas mulheres percorrer cada braço e cada perna” (Aparecida, 2023, p. 75). Os rituais de cuidado pessoal revelam a interseção entre corpo, espiritualidade e memória coletiva.

Como observa Evaristo (2010, p. 5-6), a mulher negra escreve e trabalha o cotidiano como quem lava a própria história. O labor de Filinha Mata-Boi é também uma escrita, uma forma silenciosa de continuar existindo quando tudo à sua volta anuncia o fim. A sua solidão é atravessada pela perda das mães Tuninha e Mariinha, figuras centrais na sua formação e no equilíbrio simbólico da casa. A morte dessas mulheres é narrada de modo sutil, mas devastador. Sem elas, o casarão perde o som das rezas, o cheiro da comida, o ritmo da fala. Ela se vê, então, diante do peso da herança: “eram duas vozes que nunca mais ouviu, mas que ainda sentia nas paredes, nas panelas, no lençol bordado” (Aparecida, 2023, p. 71). A ausência das mães é ressignificada por uma linhagem viva de saberes, o esgarçamento do vínculo ancestral.

Entretanto, é justamente nesse desamparo que a personagem se refaz. Ela aprende a conviver com o silêncio e a ouvir as vozes que restam na memória. Em muitos momentos, Filinha parece dialogar com as ausentes: “falava sozinha e acreditava que respondida era” (Aparecida, 2023, p. 73). A oralidade, aqui, é mais do que um recurso narrativo, mas a continuidade da tradição quilombola de comunicação entre vivos e mortos, entre o visível e o invisível. A escrita das cartas e a transmissão de saberes cotidianos da protagonista funcionam como práticas de oralitura, na perspectiva de Martins (1997).

As experiências, ensinamentos e histórias das mães são internalizadas e depois reenviadas ao mundo por meio da escrita e da memória, transformando o

silêncio imposto pela violência em palavra e narrativa coletiva, pois “os atos de fala e de performance dos congadeiros denominei oralitura, matizando nesse termo a singular inscrição do registro oral que, como literal, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação...” (Martins, 1997, p. 70). O destaque presente aqui, mostra a potência cultural, estética e identitária presente nos atos de fala, destacando assim o poder da palavra falada que marca, registra e produz sentido.

Desse modo, a escrita de Filinha e a oralidade do quilombo se encontram: a protagonista reescreve sua história e a história negra do sertão, articulando memória, corpo e ancestralidade. Cada gesto doméstico, cada carta, cada relato sobre Mané ou outras figuras do aquilombamento funciona como registro performativo da experiência negra, garantindo que a dor se transforme em resistência e a memória em ação. Dessa forma, a obra exemplifica como o tempo espiralar e a oralidade escrita se articulam para criar uma narrativa que não apenas conta, mas recria a história coletiva e a identidade afro-brasileira.

Agora sua luta é pela preservação da casa e do nome, pela continuidade das lembranças e pela manutenção dos rituais que garantem a vida. Em Filinha Mata-Boi, o quilombismo se manifesta na insistência em permanecer no território, em cuidar da terra e do roseiral, em manter o casarão de pé mesmo quando tudo se desmorona. O espaço, antes coletivo, transforma-se: “senti a presença de Tuninha ao meu lado, como se suas mãos invisíveis me guiassem pelo caminho que ainda restava” (Aparecida, 2023, p. 88). Um aquilombamento habitado por memórias, uma morada feita de lembranças e palavras “se Zezito estivesse aqui, talvez o jardim ainda fosse de flores. Mas o futuro se perdeu na manhã sangrenta, e eu fiquei com a dor para cuidar” (Aparecida, 2023, p. 60).

Na concepção de Beatriz Nascimento (2021) reforça essa dimensão ao afirmar que “a história das mulheres negras é feita de continuidade, de mãos que trabalham o tempo e a dor”. Filinha ao cuidar da casa e escrever fragmentos de lembranças, transforma sua dor em testemunho “cada folha que escrevia era para que a memória não morresse; cada canto varrido lembrava quem éramos e quem ainda seríamos” (Aparecida, 2023, p. 95). A escrita surge como gesto político e espiritual, é o modo de registrar o que as vozes já não podem dizer. Assim, o ato de escrever mesmo que simbolicamente, torna-se um prolongamento da presença das mães, uma forma de manter viva a história coletiva que a sustenta.

Em última instância, a solidão da personagem não é apenas isolamento, mas rito de passagem. Ela aprende a habitar o espaço como herdeira e guardiã, transformando o casarão em território de memória: “aprendi a ouvir as paredes, a entender os passos antigos, a sentir que cada canto do casarão carregava a voz de quem veio antes de mim” (Aparecida, 2023, p. 108). O roseiral que antes simbolizava o amor perdido ganha novo significado, agora torna-se metáfora da persistência, da beleza que nasce do sofrimento. Como lembra Dimas (1987), o espaço no romance é expressão do drama humano, e em *Mata Doce* ele reflete a metamorfose da protagonista de noiva à guardiã, de filha à ancestral. A solidão, o trabalho e o silêncio deixam de ser sinais de fraqueza para se tornarem formas de resistência.

Portanto, a mudança de Maria Teresa após a morte do noivo é também a metamorfose de uma mulher em símbolo de continuidade. Sua trajetória reencena a experiência das mulheres negras. Entre o casarão e o roseiral, entre a memória e a escrita, Filinha Mata-Boi constrói sua forma de existir e perpetuar a vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar a obra *Mata Doce* (2023), enfocando a trajetória de Maria Teresa e a relação com o espaço quilombola, considerando aspectos de memória, resistência e transformação da personagem. Esses objetivos foram atingidos por meio da leitura crítica da narrativa, da observação dos elementos do espaço-aquilombamento e da análise dos trechos literários, permitindo compreender como a literatura representa a vida e a memória das comunidades quilombolas.

Toda a mudança vivida pela personagem principal pode ser sentida a partir das metamorfoses vividas a cada ato ou acontecimento sem perder suas ligações afetivas com o lugar e as pessoas que o torna tão especial. Ainda sua persistência em manter seus hábitos aprendidos com suas mães, que por sua vez também herdaram de seus antepassados cria na Mata-boi uma aura de força e de resistência.

Ao analisar o espaço-aquilombamento a partir da transgressão de Maria Teresa para Filinha Mata-boi observou-se a evidência dos conflitos de poder e, ao mesmo tempo, resistência cultural. Tal comportamento está em consonância com a teoria utilizada sobre o espaço, demonstrando que a personagem exerce controle e negocia valores, reforçando a aplicabilidade do referencial teórico adotado.

A abordagem que enfatiza a transgressão de Maria Teresa à figura de Filinha Mata-Boi revela um olhar sensível à construção da subjetividade feminina negra e à sua agência histórica. Nesse sentido, o estudo demonstra rigor interpretativo ao integrar a teoria do espaço com os estudos de Martins (2021), as reflexões de Evaristo (2010) sobre a voz feminina e a escrevivência, e as contribuições de Nascimento (2021) quanto à historicidade do quilombismo.

Destaca-se a importância da memória coletiva e da representação da mulher negra na literatura, a pesquisa contribui para o fortalecimento do campo de estudos sobre o espaço e suas manifestações simbólicas. Ademais, a indicação de possibilidades de continuidade por meio da ampliação para outras personagens, obras e contextos nos levam a uma consciência da amplitude e da potencialidade do tema, legitimando o estudo como uma contribuição significativa para o debate acadêmico sobre literatura, memória e cultura afro-brasileira.

A análise do espaço *Mata Doce* percebeu-se que a personagem se transforma diante das perdas e desafios, mantendo e reinterpretando a memória ancestral da comunidade, o que evidencia o papel do espaço como agente de preservação da identidade coletiva.

A pesquisa contribui para os estudos literários ao aprofundar a compreensão da narrativa sobre a perspectiva quilombola e da construção da memória coletiva na literatura brasileira contemporânea. Para a formação de professores de Língua Portuguesa, oferece subsídios para trabalhar temas de identidades, resistências culturais e análise literária em sala de aula, ampliando a reflexão crítica sobre literatura e cultura afro-brasileira.

Além disso, a análise concentrou-se na dimensão literária e simbólica, sem aprofundar os aspectos históricos e etnográficos da comunidade quilombola. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem o olhar para outras personagens, outras obras que retratem quilombos e o contexto histórico-social mais amplo dessas comunidades. Investigar a relação entre literatura e memória coletiva em diferentes espaços quilombolas poderá enriquecer ainda mais a compreensão do tema.

A pesquisa permitiu compreender que o estudo reafirma a relevância da análise literária como ferramenta de valorização das tradições quilombolas e da formação crítica de leitores e professores.

REFERÊNCIAS

APARECIDA, Luciany. **Mata Doce**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

GÓIS, Edmar. **1ª Festa das Mulheres na Literatura (Flimina), em Salvador, em 2024**. Disponível em: <https://bece.cultura.ce.gov.br/formacao/curso-autoria-de-mulheres-e-narrativas-para-o-seculo-xxi-com-edma-de-gois/> acesso em 10/12/2025.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário e os congados do Alto Congo mineiro**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

EVARISTO, Conceição. **“Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

GENETTE, Gérard. **Discurso Narrativo: Um Ensaio de Método**. Ithaca: Cornell University Press, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, p. 109-167. 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança para chegar até aqui.

Em seguida, agradeço ao meu pai e à minha mãe, pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

Ao meu tio Pividio, por todas as conversas, pelos conselhos para não desistir e por todos os incentivos ao longo dessa caminhada.

Aos meus primos Segundo, Ramon, Rômulo e Evila, pela amizade, carinho e apoio constante.

Às minhas irmãs Ana, Sofia e Emanuele, por estarem sempre presentes, torcendo por mim e acreditando no meu potencial.

Ao meu namorado Carlinhos e toda a sua família, pela presença, apoio e em todos os momentos.

Aos meus colegas de classe, em especial Joyce, Gabi, Mila Rayane, Taís, Ariely, Carla, Adna, Diana, Matheus, Ana Vitória, e Jeniffer, pela parceria, companheirismo e incentivo durante toda a trajetória acadêmica.

Ao pai de Ariely, pela disponibilidade e pelas caronas, que foram de grande ajuda nesse percurso.

Agradeço também à minha orientadora, Professora Doutora Lailsa Ribeiro, pela orientação, dedicação e paciência, que foram essenciais para a realização deste trabalho.

Estendo meus agradecimentos à banca examinadora, composta pela Prof^a. Dr^a. Lailsa Ribeiro, Prof^a. Dr^a. Annie Tarsis Moraes e Prof^o Me. José Romerito.

Pela disponibilidade, pelas valiosas contribuições e por compartilharem seus conhecimentos para o aprimoramento desta pesquisa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste projeto, deixo aqui o meu mais sincero agradecimento.